

O Esporte de Alto Rendimento: Produção de Atletas no Contemporâneo¹

Márcia Pilla do Valle²

(D)a história e (D)o esporte

Quando me proponho a pensar como se constrói o sujeito atleta dedicado ao esporte de alto rendimento, penso ser importante contextualizar a emergência do esporte contemporâneo no seu contexto histórico. Não pretendo fazer uma revisão de fatos históricos seguindo uma ordem cronológica, mas procurar entender quais dispositivos os atravessam e que foram constituindo esse sistema esportivo contemporâneo. Para tanto, procuro evidenciar questões relacionadas às diferentes práticas corporais na história, relacionar o fenômeno esportivo aos movimentos sociais e culturais bem como o papel da mídia em seu processo de espetacularização.

Apresentar esses diversos acontecimentos é buscar discutir as práticas que foram instituindo o sistema esportivo contemporâneo, para que adiante possa problematizar como a cultura esportiva interpela os sujeitos atletas. Entendendo que as identidades e os modos de subjetivação são produzidos no interior dessas práticas, que são significadas pelos sujeitos e produzidas em locais históricos e institucionais específicos, atentar para essas práticas auxilia a discutir o processo de construção do sujeito atleta de alto rendimento.

Na Antigüidade Clássica, os Jogos Olímpicos serviam como elemento de coesão grupal entre as cidades gregas. O corpo era glorificado pelo Estado chegando os atletas olímpicos a ter regalias tais como isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, etc. A divisão entre corpo e alma era bem acentuada e os homens eram valorizados por serem belos, bons, saudáveis e férteis. A perfeição só era conseguida também com a beleza do corpo e por isso a educação integral dos gregos incluía a educação física. A competição era considerada um princípio vital e o rendimento, ambicionado. A rivalidade era parte da essência da vida e o valor de uma competição não residia exclusivamente nos resultados, mas no sentimento que inundava corpos e espíritos durante o instante supremo da competição (RÚBIO, 2001; SIEBERT, 1995; SILVA, 1996).

¹ Trabalho apresentado na reunião científica do CEAPIA em junho de 2003.

² Mestre pelo PPG em Psicologia PUCRS, psicóloga do esporte do Clube Grêmio Náutico União e do Clube de Futebol 15 de Novembro.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, observou-se um cuidado maior com o corpo e uma atenção maior para a atividade sexual, aproximando o corpo das doenças e do mal em si. As práticas corporais e os exercícios procuravam ampliar o controle sobre si (FOUCAULT, 1985).

Na Europa Feudal, com a dominação da Igreja, a relação do sujeito com seu corpo passou a ser carregada de preconceitos e culpa. O bem da alma era oposto ao corpo e, nesse sentido, preocupar-se com as práticas corporais era afastar-se das coisas da alma. A influência da Igreja cancelou os Jogos Olímpicos, pois toda a cultura corporal era bastante desprestigiada. A crença de um mundo regido por leis divinas afastava dos indivíduos a autonomia necessária para realizarem um cuidado de si, pois tudo ficava a cargo de Deus (SIEBERT, 1995; SILVA, 1996).

Durante o período da Renascença, houve uma redescoberta do corpo, evidenciada nas artes e nas próprias vestimentas e adereços. O corpo, seus movimentos e enfeites passaram a adquirir um código de valores. O sujeito passou a demonstrar externamente suas riquezas. Anteriormente a relação do corpo era fundamentalmente consigo próprio, ao passo que no período renascentista, o corpo passou a ter importância na relação travada com o outro (SILVA, 1996).

O surgimento do esporte moderno se deu no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII, expandindo-se posteriormente ao resto do mundo. Resultou de um processo de esportivização de elementos da cultura corporal de movimentos das classes populares e da nobreza inglesa. Até o final desse século, o esporte era praticado somente pela aristocracia, mas, com a ascensão da burguesia, o esporte foi se estendendo para outras camadas sociais. Por outro lado, os jogos populares eram ligados às festas da colheita, às questões religiosas e acabaram por perder sua função com o advento da industrialização e urbanização. Essas práticas populares seriam retomadas posteriormente com propósitos higienistas durante a Revolução Industrial.

Até a metade do século XVIII, observou-se que o discurso médico se coadunava com o discurso da Igreja, traduzido na necessidade de domesticar o corpo, gerando pedagogias que visavam a subjugar-lo. A partir da Revolução Francesa e com a estruturação do Capitalismo, observou-se que o corpo não era mais aquele que se esforçava ou não para ser feliz e realizado (como os gregos), que se punia ou se salvava

(na era cristã), que era nobre ou vassalo (no feudalismo), mas passou a ser tido como mercadoria, como a concretização da força de trabalho. O corpo devia ter características de docilidade e utilidade para que pudesse produzir o necessário. É o chamado período de adestramento dos corpos, em que a medicalização da sociedade avançava com seus ideais eugenistas. Os agentes de saúde e de ordens religiosas se encarregavam de atuar na higienização e ordenamento dos corpos, em que a disciplina era a palavra de ordem, na tentativa de organizar o corpo social que se agigantava nas cidades. O grande acúmulo de pessoas nas fábricas e cidades, as parcas condições de moradia e saneamento básico punham em risco a saúde da população.

O esporte contemporâneo se iniciou com a Revolução Industrial, respondendo às necessidades da burguesia de controlar as populações e assegurar a produtividade. Através da promoção de hábitos higiênicos, campanhas difundindo o exercício físico, a criação de espaços ao ar livre, a implantação do exercício ginástico obrigatório, foi sendo forjado um modelo de operário-soldado-esportista (BRACHT, 1997; FOUCAULT, 1993; RÚBIO, 2002; SILVA, 1996).

O esporte passou a ser fundamental para os filhos da burguesia, futuros líderes, que precisavam adquirir bons hábitos de disciplina e liderança, passando a ocupar o tempo livre desses estudantes. Instituiu-se nos currículos escolares a prática obrigatória do esporte com o argumento de formar o caráter dos futuros dirigentes sociais. Nas escolas públicas ocorriam os jogos organizados - que formavam os futuros líderes empreendedores e bons oficiais militares - enquanto nas escolas primárias, o sistema ginástico formava bons operários e soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício sistemático (RÚBIO, 2001). Na Era Vitoriana houve uma associação entre personalidade³ e aparência criando a necessidade do recato, do cobrir-se numa tentativa de evitar que a personalidade se manifestasse no espaço público. Esta concepção centrava-se na idéia de que a aparência externa exprimia o homem interior, de que as ações públicas revelavam a personalidade íntima do agente, destruindo os limites entre vida pública e privada. Sennett (apud LASCH, 1983) relata o medo de se mostrar, de revelar, inadvertidamente, por meio de suas ações, expressões faciais e detalhes de roupas, numa clara alusão à influência dos

³ Com a emergência da Psicanálise, a personalidade passa a ser entendida como o conjunto de características e traços pessoais, capazes de serem conhecidos tanto nos seus aspectos conscientes quanto inconscientes.

conceitos psicanalíticos da época. Havia um encorajamento em escrutinar a si e aos outros em busca de detalhes involuntários reveladores. Desse modo, os métodos ginásticos foram bastante valorizados nesse período, visando ao controle do corpo e moldando-o a uma postura de severidade e correção. O objetivo do exercício deixava de ser atingir a alma, mas fazer com que os indivíduos adotassem um comportamento moralmente aceito pela sociedade. O discurso médico foi se afastando do religioso – não se preocupa mais com a alma – e se tornou cada vez mais higienista, preconizando a saúde e, por consequência, uma melhor aparência física, uma aparência mais saudável. A associação entre saúde e estética foi sendo construída. Conforme relata Del Priore (2000), desde o início do século XIX, na Europa eram incentivados os exercícios ginásticos e alardeados os benefícios morais e físicos da atividade física. A ligação entre histeria e melancolia com a falta de exercícios ajudava a construir a idéia de que um corpo saudável era um corpo dinâmico, elegante e magro.

Segundo Silva (1996), gradativamente as práticas corporais se distanciaram do discurso médico e passaram a buscar o prazer, a liberação do corpo e o bem-estar. Os ideais de rendimento e controle se difundiram na sociedade através do trabalho industrializado e influenciaram na imagem de corpo dominante. Del Priore (2000), ao estudar a história das mulheres brasileiras, explica que nessa época a magreza ficou simbolizada como algo de libertário na medida em que as próprias vestimentas se tornaram mais leves, os vestidos mais curtos e estreitos, fazendo as mulheres mais ágeis e leves. As peles rosadas pela possibilidade de praticar atividades esportivas ao ar livre contrastavam com a tez amarelada das mulheres confinadas em casa e que já não eram mais valorizadas.

O esporte, por sua vez, foi-se autonomizando das instituições militares e religiosas. O processo de modernização dos séculos XIX e XX – industrialização, urbanização, tecnologização dos meios de comunicação e de transportes, aumento do tempo livre - promoveu o desenvolvimento e a expansão do esporte. Esses aspectos estão inseridos no processo mais amplo de secularização e racionalização que caracteriza a sociedade moderna. A própria burocratização do século XIX favoreceu o surgimento de clubes e associações que promoviam competições. Esportivou-se uma série de práticas corporais e logo se passou a explorar comercialmente os eventos esportivos, surgindo o

profissionalismo. A prática corporal voltada ao rendimento e à competição se expandiu da Inglaterra para o continente europeu a partir de meados do século XIX e se transformou no conteúdo hegemônico em nível mundial durante o século XX.

Nesse sentido, o Movimento Olímpico Moderno, pautado no modelo grego, veio com o propósito de universalizar a instituição esportiva. O Barão de Coubertin - educador, pensador e historiador - se empenhou na reorganização dos Jogos Olímpicos, com o objetivo de priorizar os aspectos pedagógicos do esporte grego e não somente as conquistas de marcas e quebras de recordes. Assim, seus ideais humanistas eram refletidos na competição leal e sadia, no culto ao corpo e à atividade física que serviram de base ao Olimpismo⁴. A organização dos Jogos Olímpicos exigiu a criação de um comitê com representantes de várias nacionalidades que pudesse decidir as modalidades e as regras que norteariam os jogos, o que gerou a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), presente até hoje nas decisões importantes sobre os rumos do esporte competitivo. O Movimento Olímpico Moderno pode ser considerado o principal propulsor da internacionalização do esporte, pois vinculou-o à categoria de nação e, com isso, a uma forte politização do esporte. Rapidamente foi difundida a idéia de que o rendimento esportivo objetivamente mensurado simbolizava também o poder de uma nação. Os governos passaram a investir no esporte visando também a esse valor político e durante a Guerra Fria essa vinculação foi levada a extremos (BRACHT, 1997; RÚBIO, 2001).

No período Entre Guerras, a valorização do consumo e a mídia passaram a ter um papel fundamental na construção da imagem corporal. O corpo passou a ter maior exposição ao freqüentar praias e acampamentos (possibilitados pelas férias remuneradas), saindo do domínio privado para o público. O investimento não era mais no controle-repressão do corpo, mas no controle-estimulação, pois os sujeitos queriam viver sua liberdade e sexualidade e, para isso, investiam em produtos que lhe trouxessem essa possibilidade, como por exemplo produtos de beleza, filmes, vestuário (SILVA, 1996).

A ciência e tecnologia também contribuíram para a institucionalização do sistema esportivo através da disseminação pelos meios de comunicação de massa e pelo

⁴ A Carta Olímpica apresenta o conceito de Olimpismo no Princípio Fundamental nº 2 enquanto “uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando o esporte com cultura e educação. O Olimpismo visa a criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no

desenvolvimento das chamadas ciências do esporte (incluindo aqui a própria escola responsável por difundir essas práticas esportivas). O discurso legitimador da instituição esportiva centrou-se na educação, na saúde e na confraternização entre os povos. A secularização se completou quando o esporte se transformou em objeto de consumo de massa. O progressivo investimento em locais para sua prática, a sua disseminação, etc. criou a crescente necessidade de manter registros de vitórias e, conseqüentemente, de medir o desempenho eficiente. A inclusão do esporte na imprensa gerou um salto de popularidade, passando a ser vendido como entretenimento, principalmente com o advento da televisão após a II Guerra.

Numa sociedade dominada pela produção e consumo de imagens, nenhuma parte da vida pode continuar imune à invasão do espetáculo nem mesmo o esporte com seus ideais de Olimpismo. O surgimento do lazer como mais uma possibilidade de mercadoria faz do esporte mais um objeto da indústria (BRACHT, 1997; LASCH, 1983).

A mídia passa a representar um papel fundamental nas questões ligadas ao corpo, pois preconiza um modelo de magreza, argumentando que cada um tem o corpo que merece. Assim, institui-se que cada um tem a possibilidade de produzir o seu próprio corpo. A esportividade se torna um valor ou uma norma de comportamento socialmente válido, esperado e, de certa forma, exigido. Segundo Couto (2001, p.38),

O cuidado com o corpo celebra a cultura higienista e despórtica. E esta celebração, como revelam Lipovetsky, Baudrillard e Maffesoli, é a principal estratégia publicitária para banir o caráter do dever e da obrigação que no passado cercavam os hábitos de higiene e manutenção corporais. A antiga liturgia dos deveres, acompanhada de rígida disciplina, é substituída pela sedução. A limpeza do corpo e as práticas esportivas traduzem o dinamismo energético dos seres.

De acordo com Bracht (1997), a mercadorização do esporte se dá basicamente em duas dimensões: na espetacularização do esporte e seus sub produtos e nos serviços criados a partir de sua prática. O Olimpismo, diante desse quadro, é uma atitude em extinção no Mundo Olímpico atual, pois o esporte de alto rendimento visa muito mais à capacidade de gerar remuneração financeira para todos os envolvidos do que preconizar a solidariedade e respeito mútuo. É por isso que somos tomados de surpresa, quando

esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais.” (RÚBIO, 2001, p.130)

ocasionalmente é exaustivamente transmitido pelos meios de comunicação um gesto solidário de um adversário durante uma competição importante.

Rúbio (2002) considera que o amadorismo e o *fair-play*⁵ foram norteadores do esporte ao longo do século XX até aproximadamente os anos de 1970, quando a relação dinheiro e desempenho esportivo passaram a ter mais importância. A profissionalização desencadeou uma transformação na organização do esporte, levando-o a se tornar uma carreira profissional cobiçada e uma opção de vida para jovens habilidosos e talentosos. Atletas consagrados atualmente gozam de um destaque social como os grandes artistas e pessoas públicas.

O esporte neste século deixou de ser apenas uma competição para se tornar definitivamente um espetáculo não somente entre os competidores mas entre as empresas e laboratórios que patrocinam a competição. Rúbio (2001) denomina esta etapa de pós-Olimpismo, caracterizando-a por abolir o amadorismo e por adequar o *fair-play* às necessidades de convivência com os patrocinadores, espaço comercial e novas regulamentações. Portanto, já não é mais sedutor recrutar atletas para dedicarem-se ao esporte de alto rendimento somente com o apelo de representar o país, mas o esporte deve recompensá-los financeiramente de modo a lhes proporcionar acesso a outros prazeres.

A partir desta pequena contextualização histórica, percebemos como a dimensão cultural é fundamental para entendermos a construção do corpo e a construção do corpo atlético. Para pensar o processo de subjetivação dos atletas de alto rendimento, é necessário ter em mente o próprio processo de construção deste esporte através da história.

O atleta de alto rendimento está intimamente conectado a uma série de discursos que formam os sentidos do que ele é. Tentar desvendar essa trama é também pensar alguns dos dispositivos do esporte que interpelam este sujeito e aqueles nele envolvidos.

O conceito de dispositivo é importante neste contexto, se o entendermos como qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. Assim, a história das formas nas quais os seres humanos constituíram narrativamente suas vidas é também a história dos dispositivos que fazem os seres humanos contar-se a si

⁵ O *fair-play* designa um tipo de conduta ou conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, denominado pelo senso comum de “espírito esportivo” ou “jogo limpo”.

mesmos de determinada forma, em determinados contextos e para determinadas finalidades (LARROSA, 1997). Os dispositivos do esporte, portanto, são considerados como aqueles capazes de transformar a experiência de si dos atletas.

Larrosa (1995, p.69) contribui para entendermos o enlace entre identidade e subjetividade, ao dizer que “é contando histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo”.

Alguns autores, como Birman (2000) e Passos (2002), nos ajudam a compreender a subjetividade, ao explicar que ela não é nem um dado nem tampouco um ponto de partida, mas algo da ordem da produção. Assim, ela não estaria na origem, como uma invariante encarada de maneira naturalista, mas como ponto de chegada de um processo complexo, isto é, de um devir. Portanto a subjetividade deveria ser considerada no plural - subjetividades, perdendo o caráter de fixidez. Considerar as formas de subjetivação é insistir na dimensão de produção do sujeito que não seria mais origem e invariante, mas historicamente regulado. É nesse sentido que a subjetividade é entendida como potência de criação de si, de devir, pois ela é uma operação infinita de produção de si. Assim, a idéia de processualidade fica evidente, num contínuo processo de sendo, se fazendo.

Subjetivação assim é entendida como produção discursiva da cultura, como os modos de ser, como os modos pelos quais o sujeito se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade.

Ao escutar as histórias contadas pelos atletas⁶ vamos percebendo os dispositivos do esporte que vão transformando a experiência de si desses jovens.

O narcisismo e a busca pela excelência

O esporte de alto rendimento não pode mais ser pensado dissociado da espetacularização e de sua importância dada pela mídia. Isso nos remete a discussões relacionadas ao narcisismo de nossa cultura atual, baseadas em psicanalistas como Costa (2001) e Birman (2000) que também menciona sociólogos como Debord e historiadores como Lasch (1983).

⁶ As falas que constam ao longo do capítulo fazem parte da pesquisa realizada na dissertação: Valle, M. “Atletas de alto rendimento: identidades em construção” desenvolvida no PPG de Psicologia da PUCRS, 2003.

G. Debord, no final dos anos 60, e Christopher Lasch, na década de 70, começaram a pensar a pós-modernidade como constituidora de novas sociabilidades e trabalharam com conceitos atualmente incorporados ao nosso vocabulário⁷.

A subjetividade, desde os primórdios da modernidade tem seus eixos constitutivos na idéia de interioridade e de reflexão sobre si mesma. Ainda que nas últimas décadas tenhamos observado diferentes modos de subjetividade, o eu ainda encontra-se numa posição privilegiada. Atualmente, percebemos esse autocentramento conjugado de modo paradoxal com o valor da exterioridade. “Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (BIRMAN, 2000, p. 23). Essa exterioridade vai assumir proporções fundamentais de serem compreendidas, para que possamos articulá-la com as questões do esporte.

O autocentramento se apresenta inicialmente através da “estetização da existência”, em que importa somente a exaltação do eu, tanto para si mesmo quanto para os outros. A cultura da imagem é correlata à estetização do eu, estabelecendo a hegemonia da aparência, que passa a se constituir critério fundamental do ser. O sujeito passa a valer pelo que parece ser, de acordo com as imagens produzidas para se apresentar na cena social. A mídia cumpre um papel de destaque nessa configuração, pois, com seu culto às celebridades, alimenta os sonhos narcisistas de fama e glória do homem comum que, identificado com esse discurso, sente dificuldade em aceitar a banalidade da existência cotidiana.

O esporte, desse modo, se presta totalmente para preencher esses sonhos narcisistas uma vez que se calcou na espetacularização. Como um fenômeno de massa, necessita da presença de “heróis”, “estrelas” ou “ídolos” para manter-se interessante e, conseqüentemente, uma fonte de identificação para as pessoas.

Rúbio (2001) afirma que os atletas contemporâneos têm sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. São tidos como sujeitos capazes de arrebatam multidões com suas

⁷ Debord denominou a ‘sociedade do espetáculo’ trabalhando a idéia de espetáculo conjugada às de exibição e teatralidade, pelas quais os atores se inserem como personagens na cena social. As metáforas do exibicionismo e *mise-en-scène* remetem para a de exterioridade, forma primordial pela qual se concebe a economia da subjetividade na cultura do espetáculo. Tudo isso remete à exaltação do eu e à estetização da existência. (BIRMAN, 2000)

performances ou até mesmo causar dor e comoção coletivas em casos de acidente ou morte.

Essa exposição e exploração do esporte e dos atletas acaba produzindo uma associação entre a figura do atleta com o mito do herói, reforçado pelo caráter agonístico⁸ da disputa esportiva⁹. O papel que desempenham como representantes de uma comunidade, geralmente ultrapassando obstáculos intransponíveis, realizando feitos considerados sobre-humanos e a própria vida disciplinada que levam, favorece a construção da condição de herói dos atletas (RÚBIO, 2001).

Tudo isso reforça as questões de valorizar somente a vitória, cultivar a performance e buscar a excelência, escutadas tão freqüentemente por todos os envolvidos na cultura esportiva. A exterioridade, entendida como equivalente da performance esportiva, funciona para os sujeitos atletas como forma de obter ganho narcísico, mas também como uma fonte de pressão por manter a expectativa criada:

Os últimos cinco Brasileiros eu ganhei todos os (nome da prova), aí cheguei aqui, todo mundo: "Ah, ele é campeão brasileiro", porque todo mundo vê eu ganhar a prova. (...) Daí eu "putz", sabe, amoleci... e agora se eu perco?

O discurso da organização esportiva contemporânea é hegemônico em transmitir os benefícios de sua prática. Se pensarmos em termos de centralidade da cultura, percebemos como os valores desta cultura são constitutivos dos sujeitos e permeiam todas as relações dos atletas desde o início já dentro da própria família. O próprio discurso esportivo da contemporaneidade envolve valores como sucesso, força, superação de limites, vitória e supremacia. A exigência pela boa performance, o elevado grau de competitividade e a tolerância às frustrações e ao estresse são características que o ser humano encontra no seu dia-a-dia e em suas relações pessoais. O discurso esportivo tem propagado que pode atuar como meio de canalização destas características, tornando-se mais um atrativo para que o sujeito "se prepare" para a vida e o mercado de trabalho competitivo em que vivemos atualmente.

As próprias famílias também acabam por reproduzir esse discurso pela busca da vitória e excelência. Muitas vezes as vitórias ou fracassos dos filhos são tomados como

⁸ Agonística (agonistiké, em grego) significa luta, disputa atlética. Esta luta é conferida aos heróis com o sentido de valorização do guerreiro e do combate intrépido. (RÚBIO,2001)

seus, entendendo, nesse caso, que os filhos são os representantes que vão preencher (ou não) os ideais narcísicos de seus pais:

Ele (o pai) não gosta que a gente chegue atrás nem no treino, [...] ele fica muito indignado.

As famílias também são convocadas a assumir o discurso do sistema esportivo e vão se inserindo no processo de construção do sujeito atleta. Inicialmente o engajamento ocorre pelo acompanhamento e incentivo à prática. Progressivamente a interpelação vai levando as famílias a alterarem outros hábitos de vida. É comum modificar a alimentação em favor de um cardápio mais adequado, organizar os horários familiares para que se compatibilizem com os horários de treinamento, abrir mão de viajar em feriados ou as férias são planejadas em função do treino, entre outros:

...meu pai faz tudo o que tem que fazer, tipo alimentação agora, fazer comida assim e assim, a nutricionista mandava e a minha família toda tinha que fazer direitinho.

Eu morei em 3 cidades por causa da natação.

Os familiares passam a viver e a sofrer as mesmas emoções e pressões vividas pelos atletas. As famílias também são inseridas na cultura esportiva e, muitas vezes, reproduzem com esmero o discurso da exigência da performance excelente.

Aí é aquele negócio de esporte que eles vivenciam, sempre fazem tudo para eu estar bem assim.

Tipo eles ficam ansiosos, ficam nervosos, ele ficam mais nervosos do que eu, às vezes.

Os técnicos muitas vezes também vivem esse processo, pois a performance do atleta é, em última instância, a estetização do resultado de seu trabalho. Muitos não conseguem administrar bem as derrotas sofridas, refletindo nos sujeitos atletas esses conflitos:

[...] era o menino dos olhos, [...] quando ele foi mal no Brasileiro e tava brincando com uma bolinha assim de papel no lixo, ele (o técnico) disse que ele tinha que jogar basquete por que pra natação ele não servia.

⁹ Rúbio (2001) aprofunda essas questões ao discutir a constituição do imaginário esportivo contemporâneo – do atleta como um herói - a partir da relação estabelecida entre as performances esportivas e as façanhas heróicas da mitologia.

A expectativa de corresponder a esses ideais preconizados pela cultura esportiva são percebidas pelos sujeitos atletas como mais um fator de pressão para obter somente resultados satisfatórios:

[...] porque não é a pressão mais do clube, é a pressão do país para ti ganhar. [...] Ainda mais se tu vai com chance numa olimpíada de medalha deve ser horrível, deve ser muito horrível. [...] Imagina, tem a expectativa de um país atrás, imagina, só. Aqui com o clube já é horrível, do país então nem se fala.

Na chamada “cultura do narcisismo” - termo cunhado pelo historiador Lasch (1983) - não há mais lugar para a alteridade como valor, mas sim uma ênfase no autocentramento do sujeito, que é refletido no individualismo e na desconsideração à história observados em nossa sociedade. Apesar de no esporte de alto rendimento a preocupação não residir diretamente na aparência, observamos uma preocupação com a performance do atleta, ou seja, uma preocupação por resultados, tempos, percentual de gordura. Assim, aspectos da performance esportiva se tornam equivalentes ao que os autores tratam por aparência física. Toda a trajetória, o caminho percorrido pelo atleta para chegar até uma posição de destaque nem sempre é considerada, pois há uma ênfase no momentâneo, na instantaneidade proporcionada pelo espetáculo. Assim, quando não consegue corresponder às expectativas, mostra sofrer a dor narcísica de não corresponder ao ideal almejado por ele e pelos outros:

Aí eu perdi mesmo, sabe, perdi a prova ali já. [...] Acho que foi a pior semana da minha vida, cara. Eu queria fugir, queria ir embora, falei para a minha namorada “vamos embora daqui, não quero mais nadar”. [...] Foi pressão minha própria sabe, de querer não decepcionar.

A imagem, a aparência, a estetização da existência se desdobram na chamada “cultura do espetáculo”, em que a exibição se transforma no objetivo essencial da existência do sujeito, sua razão de ser. A exigência pela performance passa a ter um destaque fundamental, pois, na cultura do espetáculo, se confunde o ser com o parecer. Consideram-se fracassados todos aqueles que não conseguem exercer o fascínio da estetização de sua existência. No esporte percebemos o quanto a valorização pela vitória toma conta do discurso estetizante, passando a ser desvalorizado qualquer outro resultado.

O pessoal não entende mesmo para falar que eu fiquei em quinto no Troféu Brasil (uma das principais competições brasileiras) ninguém entende.

A própria mídia se encarrega de reforçar esse discurso, valorizando apenas os campeões. Nos atletas aparece tanto um fascínio pela repercussão na imprensa de seus

feitos extraordinários quanto um pavor por ter de deixar à mostra a não-vitória, pois é esta a lógica do esporte de alto rendimento: ou se é o vencedor ou não se é considerado.

Então eu não gosto muito desse lado de imprensa, de dar entrevista, bah, odeio, odeio totalmente. Mas tem que ir né, pelo clube.

A alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência fadadas ao silêncio e esvaziamento na cultura do espetáculo, pois não há mais lugar para admirar o outro em sua diferença radical, pois o sujeito não consegue mais descentrar-se de si mesmo. Ao contrário, ele busca compor uma exterioridade capaz de seduzir o olhar do outro, e é por isso que a imagem surge como condição de possibilidade de captura do outro. A mídia assume posição primordial e, no esporte, isso fica muito claro. O discurso narcísico do espetáculo se identifica com o do esporte de alto rendimento:

E eu era uma das melhores que tinha na região, então toda a hora na TV, toda a hora no jornal. Todo mundo me conhecia lá, eu passava na rua, todo mundo me olhando.

Volta e meia saía no jornal uma notinha do hipismo e uma notinha da natação em cima com o meu nome nas duas. Imagina, era super legal, né?

A mídia ocupa um lugar ainda mais importante quando se trata de esportes “amadores” como a natação, pois expor-se significa a possibilidade de negociar vantagens em um próximo contrato de imagem, visto que o clube busca essa exposição para angariar mais sócios e, conseqüentemente, mais receita financeira:

Porque na minha reportagem no (nome do jornal), saíram 5 fotos. Cada uma com um troço deste tamanho do (nome do clube) estampado na camisa. Então pra eles o retorno de imagem foi um absurdo, né? E eu fui em todos os programas de esporte que existem no Rio Grande do Sul.

Costa (2001) contribui em pensar questões do corpo e da cultura ao mencionar a emergência na atualidade do que ele chama de “bioidentidades”. Sob essa perspectiva os indivíduos hiperinvestem no corpo, desinvestindo na alma. A construção de novos valores sociais voltados para o cuidado do corpo, a tentativa de excelenciar uma conduta saudável mudam o centro da identidade para a corporalidade. Com isso, novamente é estabelecida uma estetização da existência e eu sou o que aparento ser.

A cultura individualista narcísica relacionada ao esporte é pensada por Lipovetsky (apud COUTO, 2001) de forma bastante interessante, quando diz que encerrou-se a era moralista do desporto, solicitante da competição, do esforço, da solidariedade e da abnegação. A cultura esportiva atual afastou a idéia de dever moral, sobressaindo-se a valorização individual da coragem, jovialidade, emoções fortes, risco e aventura.

Assistimos a uma proliferação de esportes radicais, de aulas de ginástica adaptadas a golpes de boxe ou de artes marciais. Hoje em dia, não é mais a virtude – como foi observado nos princípios do Olimpismo – que legitima o esporte, mas a busca pelo prazer corporal, pelo dinamismo energético e pela experiência de si próprio como alguém capaz de suplantar todos os obstáculos para atingir seus objetivos.

(...) foi o melhor ano que eu já nadei. Acabou sendo porque eu acho que eu tava tão pra cima que nada me abalava naquela época. Eu estava super bem comigo.

A proliferação das atividades esportivas leva também à criação de diversas especialidades que surgem a partir dessa demanda, referendada pela mídia. Já não é mais preciso ser adepto de uma norma esportiva, mas manter o corpo acelerado com a versatilidade de escolhas disponíveis. Os atletas, mais uma vez, servem como modelo de identificação, explorados pela mídia e pela mercadorização do esporte através do oferecimento de seus serviços. Os contratos de imagem firmados com os clubes visam justamente promover os serviços oferecidos aos demais consumidores.

Transformado em espetáculo pelos meios de comunicação, o esporte, enquanto signo da sociedade contemporânea, remete a imagem de viver bem, estar bem consigo, ser vitorioso, transmitido como ideais a serem atingidos pela mídia da população.[...] o esporte, visto como mais um produto de consumo, precisa criar protagonistas para vender em espetáculo esperado e desejado (RÚBIO,2001,p.103).

Essas questões se conjugam com o que Lasch (1983) pensa a respeito do sujeito contemporâneo, já que acredita que as pessoas buscam o sentimento de bem-estar pessoal, saúde e segurança psíquicas. Nesse sentido, o clima atual não é religioso como em outras épocas – não se busca mais a salvação pessoal nem a transcendência espiritual – mas terapêutico, na busca pela “paz de espírito”. Proliferam-se as técnicas de preenchimento das necessidades emocionais e de auto-ajuda, tornando a saúde mental sinônimo de destituição das inibições e imediata gratificação de impulsos.

A cultura baseada na estetização da existência e na busca pelo bem-estar privilegia o corpo como o lugar da identidade do sujeito. O músculo passa a ser um dos modos privilegiados de visibilidade desse bem-estar, valorizando as técnicas de gerenciamento e pedagogias do corpo. Segundo Lipovetsky (1994), a questão do esporte já não é mais de bonificação moral ou de transcendência virtuosa. Os sujeitos exercitam-se por si mesmos, para se divertirem, para se suplantarem a si próprios, inclusive no risco de lesionarem-se

fisicamente. “O princípio de ‘performance’ alia a competição interpessoal à competição consigo próprio, cada indivíduo compara-se com o outro para afirmar o ego autoconstrutor triunfante de si mesmo” (LIPOVETSKY, 1994, p.130).

Como eu nadava em uma equipe pequena, eu era a estrela principal da equipe, e quando eu vim para cá, uma equipe grande que eu era o soldado do batalhão, sabe? Mais uma no meio de muitos que eram bem melhores que eu, e tive que administrar legal isso, sabe? E eu pensei muito antes de vir, como eu ia aceitar isso, sabe? Por que como eu já estava bastante tempo lá, sempre era tudo em volta de mim, era só eu que ia para o Brasileiro, então eu era sempre uma estrelinha.

Baseados no que foi discutido até então, podemos entender por que os ideais de auto-superação e transcendência estão tão presentes no discurso daqueles envolvidos na cultura esportiva. A performance atlética se associa à espetacularização e todos os limites são ultrapassados na busca por um desempenho excelente. Na era da qualidade total e na busca pela perfeição, o discurso do esporte de alto rendimento se coaduna perfeitamente com esses ideais.

O discurso da atualidade privilegia o autoprogresso e a vontade de vencer. No entanto, segundo Lasch (1983), o sucesso foi esvaziado de qualquer sentido além do seu próprio.

Eu não aceito muito bem, quando eu acho que eu tenho condições de ganhar e não ganho... Eu tenho meus 15 minutos de raiva que ninguém pode falar comigo.

A auto-aprovação do sujeito vai depender do reconhecimento e aclamação públicos e é por essa dependência do olhar do outro que se aproximam as questões narcísicas de nossa sociedade. Mais do que estimados, os indivíduos querem ser admirados. Mais que respeitados, querem ser invejados. O sucesso fica associado às características da juventude, do fascínio, da novidade e do sucesso necessitando ser ratificado pela mídia. A glória é mais fugaz do que nunca e aqueles que conseguem a atenção do público temem insistentemente perdê-la. Para os atletas, a glória tem de ser aproveitada ao máximo, pois os resultados são muito mais fugazes, eles não conseguem transmitir a dimensão do esforço que fizeram para chegar até esse resultado.

Do corpo à perfeição

O corpo é o que é na cultura, e é entendido como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em uma determinada época e lugar. É no corpo que se inscrevem os marcadores identitários, entendidos como símbolos culturais que funcionam para diferenciar, classificar, discriminar e ordenar. É nele que se tornam

manifestas as marcas que nos posicionam: ser (ou não ser) alto, negro, magro, loiro, etc.; ter (ou não ter) tal ou qual sexo, idade, língua, etc.; partilhar (ou não) de tal ou qual costume, tradição, território. Essas marcas são o lugar identitário do sujeito e, nesse sentido, o corpo é marcado e distinguido muito mais pela cultura do que por sua presumível essência natural (FRAGA, 2000, 2001; VEIGA-NETO, 2000). Ao pensar nos marcadores identitários do corpo, remetemo-nos a sua indissociabilidade com as questões de identidade do sujeito.

As questões relativas ao atleta, então, serão aquilo que se diz e se representa como o atleta, aquilo que de alguma forma nos captura e aprisiona, fazendo com que consideremos essas marcas como representantes do atleta, como a representação naturalizada desse indivíduo. É interessante pensar que, ao instaurar marcas nos corpos dos sujeitos, estas marcas vão produzindo visibilidades. O poder de penetração de um discurso na vida das pessoas está intimamente ligado à possibilidade de esse discurso ser tomado como “natural”, inquestionável. Desse modo, ficam imperceptíveis os efeitos que provoca nos sujeitos por ele capturados. E quando falamos em pedagogias do corpo, é indissociada a idéia de poder regulador.

Fraga (2000, p.99), ao discutir as diversas pedagogias que conformam o corpo, nos diz que o corpo

adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações para além de sua condição fisiológica. Um poder que não emana de nenhuma instituição ou indivíduo e muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas corporais da vida cotidiana.

Na voz dos atletas, percebemos o quanto esse poder está imbricado com sua conduta, tornando-os sujeitos obedientes a esses discursos:

Eu não me sinto nada bem se eu não tiver preparado para a natação, chegar a faltar um treino me faz muito mal, sabe, ou treinar mal por causa que eu tô cansado, não me faz nada bem.

As relações de poder são sutis e invisíveis, pois permeiam uma série de pequenas técnicas, numa rede de instituições sociais tais como a escola, a igreja, o esporte. Mas para que essas relações se efetivem, é necessário que o sujeito obediente sinta benefícios,

prazer naquilo que a princípio não lhe agrada, mas que progressivamente vai percebendo que as recompensas se tornam mais frequentes que as penas.

De 93 a 96 foi a arrancada, eu treinava todos os dias. Foi bem legal, eu gostava muito daquela época porque eu acho que eu tinha obrigação mas era minha obrigação... Eu me obrigava, entendeu? Não, era eu que me obrigava, eu me incentivava, eu me cobrava... E como eu não tinha mais nada, só o colégio, e o colégio sempre me deu muito apoio: se eu faltava aula não tinha problema, os professores sempre me incentivaram, meus pais sempre me incentivaram ... Então para mim aquela época foi muito boa. Na minha cidade eu era a melhor, para mim era muito gratificante.

Nos atletas o que de início era tido como extenuante ou até mesmo restritivo passa a ser naturalizado no discurso do alto rendimento e a ser reproduzido com orgulho, gerando gratificações de várias ordens – no próprio corpo, na questão financeira, no reconhecimento social. Portanto o que no início era uma obrigação, como nos fala o atleta acima, começa a ser percebido como algo prazeroso e gratificante. As pessoas significativas na vida dessas crianças e adolescentes – pais, professores, grupo – reforçam o discurso que associa o esporte à saúde, incentivando sua prática. O rigor dos treinamentos passa a ser percebido como um obstáculo necessário a ser ultrapassado a cada dia, glorificando a conquista de mais uma etapa atingida. O corpo fica à mercê de várias técnicas. São instauradas diversas pedagogias que passam a produzir esse corpo atlético.

O conceito de Foucault sobre o estabelecimento de tecnologias do eu é fundamental neste contexto para entendermos como o esporte interpela os atletas. O conceito desse autor (apud LARROSA, 1995, p.56) é entendido como aquelas práticas que

permitem aos indivíduos efetuar por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

Desse modo, o discurso dos atletas que estão inseridos no contexto esportivo traduz as transformações que vão sendo efetuadas ao longo do processo de competição:

Se eu começasse tudo de novo eu faria de novo, sabe. Eu não me arrependo de nada e ponto. Uma coisa do esporte que é ruim isso é a parte social que tu perde um pouco, tipo a alimentação, assim tudo regradinho, bonitinho...tem comidas que deve evitar, tem outras que deve comer e tal.

A transformação de si vai se dando progressivamente no contexto esportivo e as técnicas do treinamento, os próprios resultados alcançados vão sendo tomados como verdades pelo sujeito e que lhe possibilitam manter-se nesse sistema.

*O que que tu acha que a natação mudou na tua vida? Ah, tudo. Relacionamento, o físico... o físico totalmente, né. Eu tinha problema um pouco de coluna, já era meio torto e magro, sabe, assim totalmente diferente. No relacionamento também né... tu aprende a te relacionar com as pessoas diferente. Porque eu era tri 'nerd' assim no colégio, sabe, tri isolado do pessoal, sabe... Acho que por timidez eu ficava num canto sempre, tipo isolado, mais na minha, sabe. Ajudou um monte este lado. **Tu acha que tu ficasse mais sociável assim?** É, exatamente. Ajudou por causa da turma sempre, né. Antes da natação, no colégio, eu dificilmente formava turma, coisa assim.*

No caso da natação existem inclusive uma série de práticas como a depilação de partes ou mesmo completa do corpo para as competições e que acabam por marcar literalmente as diferenças no corpo destes atletas.

O próprio corpo passa a ser visto em sua forma e sua composição em busca do maior rendimento. Há uma ordem biotecnológica que se conjuga com a organização do treinamento: exames de lactato, de capacidade cardio-respiratória, estabelecimento do percentual de gordura, etc. vão submetendo o corpo a um controle de qualidade que acaba por transformar a própria experiência concreta do corpo.

Porque é dolorido, prova de piscina dói, rasga tudo, né, dá um cansaço e tal, então às vezes dá assim "bah, será que eu vou mesmo, sabe?" e acabo indo. O cara fica meio assim não querendo enfrentar o problema, né. Tá na água tem que te doar mesmo, aí então tu pode. Quando eu caio na água, tipo assim, tu nada trezentos metros e começa quinhentas coisas na cabeça "será que é isso aqui mesmo?" meio que fraqueja assim sabe, daí no final eu consigo reagir.

Couto (2001), ao trabalhar com idéias de Lipovetsky, Baudrillard e Maffesoli, faz contribuições importantes às questões que relacionam o esporte, a cultura do corpo e o narcisismo de nossa sociedade. Diz que a ética da felicidade contemporânea é pautada na aparência atlética e saudável, na juventude e elegância. As normas do bem-estar são traduzidas nas do melhor parecer. "O imperativo narcísico da atualidade glorifica a cultura higienista, dietética e desportiva" (COUTO, 2001, p. 42).

Atualmente o sujeito é visto no seu presente e na busca pelo seu bem-estar, destituindo qualquer plano de futuro. A ética contemporânea da felicidade (conceito discutido por Lipovetsky) não é mais só consumista, mas construtivista no sentido de otimizar nossos potenciais, de não nos resignarmos mais ao corpo que temos, mas construí-lo e manter sua juventude, negando a ação do tempo. A busca pelo completo bem-estar é característica presente na cultura hedonista e individualista atual. Baudrillard pensa que a valorização da saúde e do equilíbrio orgânico é uma simulação para a busca pela performance em que o corpo, capturado pela publicidade, nela se realiza (COUTO,

2001). Desse modo, o discurso esportivo (e competitivo) retrata os ideais contemporâneos vigentes em nossa sociedade atual.

A dificuldade de deparar-se com a passagem do tempo, com o envelhecimento e, conseqüentemente, com o declínio da performance é uma constante nos atletas.

É a perspectiva de melhora que me faz continuar a nadar, no momento que eu achar que eu não tenho mais pra onde melhorar, eu vou parar com certeza. [...] Eu não sei se eu vou conseguir administrar a decadência.

Tu ainda tens uns bons anos pela frente, né? Tem duas olimpíadas no auge, né. Mas o pessoal ainda vai. Uma vez era 23, 24 anos, agora tem 30. Tipo o Gustavo Borges, a melhor fase da vida dele é agora eu acho, tá nadando super bem nas competições internacionais.

O medo da passagem do tempo e de não conseguir alcançar seus objetivos de rendimento faz com que se viva todas as possibilidades no presente e penso que os excessos muitas vezes cometidos nessas carreiras (uso de drogas, sobrecarga de treinamento) são motivados por essa necessidade de excelência. A preocupação com o futuro não existe, pois este só será interessante se o sujeito conseguir deixar alguma marca de herói para a posteridade. Vive-se para o momento e à luz dos holofotes. O sujeito passa a buscar o controle sobre si mesmo e é no corpo que esse processo tem maior visibilidade.

Por vezes, presenciamos situações mais delicadas como lesões, problemas de saúde, em que a preocupação em não deixar de render se sobrepõe à saúde do próprio atleta. O sujeito se submete a situações de risco, pois é muito difícil lidar com a impossibilidade de não se perceber competente como o esperado para um atleta de alto nível. A questão do tempo também é fundamental para esses atletas, pois muitas vezes treinam muito por um resultado cuja chance de alcançar se reduz a uma ou duas competições no ano. Assim, uma lesão ou problema de saúde vem a ser um obstáculo na busca do objetivo ao qual se dedicaram com afinco. Essa é considerada uma das tantas pressões que esses atletas sofrem ao longo de sua trajetória competitiva:

E eu tinha operado o joelho, eu tinha um tempo de recuperação que é difícil. Porque é complicado tu vir para o treino e não conseguir treinar. É complicado saber que eu não podia fazer aquilo tudo, mas aí fui levando.

Deparar-se com a impossibilidade de render o esperado é complicado, porque é deparar-se com as suas limitações. Entender que não é possível sempre corresponder ao esperado desses esportistas, qual seja, a busca incessante pela superação e o rompimento de todos os limites é confrontar-se com uma ferida em seu narcisismo. A recuperação de

uma lesão, por exemplo, é um dos períodos mais difíceis de tolerar, pois é deparar-se constantemente com sua impotência/ineficiência. É confrontar-se concretamente com a sua falibilidade. Se o discurso do esporte de alto rendimento é justamente vencer e superar-se constantemente, qualquer evento que mostre o oposto pode ser sentido como uma derrota:

Então aí eu fiquei parado um tempão, sabe, quando eu tive infecção aí eu deveria ter, precisava descansar, ter ficado mais tempo parado, sabe? Só que aquele negócio de ter que voltar para competir, eu voltei assim, não tava tão legal, aí voltou mais forte ainda. Então se eu fosse pensar na minha saúde mesmo, eu teria que ficar mais tempo parado, para recuperar bem, ficar bem legal, para depois voltar.

O discurso do esporte passa a ser reproduzido com devoção. Impera o desejo de vencer e competir a qualquer custo, mesmo que a despeito da saúde. Isso parece inclusive reforçar o caráter de heróico nesses atletas, pois resistem a tudo, até mesmo à dor em favor da competição:

As três últimas que eu nadei eu tava mal. Em (nome da cidade 1) uma vez eu nadei com febre lá, tava chovendo, eu não tava me sentindo bem, eu tô mal, não vou nadar. Aí em (nome da cidade 2) eu tava me recuperando da gripe lá. Aí nadei mais ou menos. Aí tive uma recaída. Fui para (nome da cidade 3) ainda, aí tinha o Sul Brasileiro, eu fui às onze da noite para (nome da cidade 3), cheguei tarde da noite lá, aí quando eu voltei eu treinei mais três dias e voltou pior a gripe. Aí fui no médico, mais antibiótico, uma semana parado, sem fazer nada, só ficar deitado na cama descansando, porque senão vai virar pneumonia, porque tu não deu o tempo certo, voltou antes e veio mais forte ainda, então é melhor olhar a tua saúde, primeiro esquece o esporte, esquece o Brasileiro tudo.

Os marcadores identitários vão se inscrevendo não só no corpo, mas no modo de ser desses sujeitos. A representação do atleta como alguém capaz de suportar as adversidade e superar todos os obstáculos é um dos efeitos que o discurso da cultura esportiva provoca, tornando-a a representação naturalizada de atleta de alto rendimento.

Os efeitos nos modos de subjetivação e nas identidades

A identidade desses atletas de natação dedicados ao alto rendimento é associada ao caráter de saudável, belo e vencedor. Essas características fazem eco aos discursos médico, técnico-científico e midiático contemporâneos, ajudando o sujeito a sentir-se realizado através de seus feitos. O discurso da sociedade atual preconiza atitudes como a determinação, o esforço contínuo, a busca de limites que se coadunam perfeitamente com os ideais do esporte, permitindo que esses jovens sintam, através de sua prática, que estão preparando-se para sua vida futura e para o mercado de trabalho. Os ganhos narcísicos ficam evidentes não só através da produção e transformação do corpo como na

gratificação percebida pelo olhar do outro, que aqui pode ser entendido como o olhar da mídia, dos amigos, da medicina, da família.

Assim, reforçar as diferenças em favor do esporte é reforçar os significados de sucesso, performance excelente e vencedora que a identidade de atleta traz associada. Muitas vezes, esses sentidos ajudam crianças e jovens a superar dificuldades pessoais como timidez, dificuldade de inserir-se em grupos, entre outras.

As relações de poder que permeiam os discursos da cultura esportiva contemporânea só são percebidos através de seus efeitos, pois, após sua inserção no esporte, os sujeitos vão sendo interpelados, constituindo-se e passando a responder desse lugar do esporte. Desse modo, já posicionados nesses discursos de esportividade e competitividade, muitas vezes os tomam como verdades e passam a subjetivar-se a partir deles. Tecnologias do eu são instauradas e operações sobre o corpo e sobre o sujeito são postas em prática na busca pela realização, pelo bem-estar, pelo sucesso e performance. Os atletas se realizam através de um controle sobre si mesmos e a visibilidade maior desse processo é notada no próprio corpo. Sabendo que a identidade na contemporaneidade é centrada fortemente na corporalidade, percebemos que os marcadores identitários inscrevem-se principalmente no corpo. Assim, a produção do corpo atlético, por exemplo, traz um ganho narcísico por corresponder aos ideais preconizados pela cultura. O corpo passa a ser um dos modos privilegiados de visibilidade dos discursos de bem-estar e felicidade de nossa ética contemporânea.

A prática esportiva constituída como uma prática cultural valoriza o sucesso e a otimização da performance, geralmente relegando as virtudes dos sujeitos a um plano secundário. A valorização da performance excelente talvez seja mais exacerbada em modalidades esportivas individuais em que o desempenho depende exclusivamente do atleta e não de uma equipe ou time, resultando numa maior pressão pelo resultado. O sujeito se sente, muitas vezes, destituído de virtudes, porque o que conta para o sucesso e para ser reconhecido como um bom atleta é a visibilidade da performance. Esse é um dos efeitos que produz sofrimento para esses jovens. Esse sofrimento algumas vezes pode desencadear a dificuldade de muitos atletas em conseguir encerrar sua carreira esportiva de forma tranqüila, pois enfrentar o declínio da performance é, para alguns, intolerável. Outras vezes, esse efeito pode ainda desencadear um sentimento de vazio que busca ser

preenchido de forma não produtiva ao sujeito como o uso de drogas e a sobrecarga de treinamento.

Se a identidade de atleta é associada ao heróico, vencedor, capaz de suportar toda e qualquer adversidade, fica muito complicado e sofrido lidar com uma performance que não seja considerada excelente. Isso precisa ser compreendido por nós enquanto agentes de saúde mental, pois ninguém consegue manter-se no auge do desempenho por todo o tempo.

Referências Bibliográficas

- BIRMAN, J. **Mal estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- COSTA, J. F. Palestra proferida durante a II Jornada do Pós Graduação em Psicologia – PUCRS, Porto Alegre, 14 setembro de 2001.
- COUTO, E. Gilles Lipovetsky: estética corporal e protecionismo técnico nas culturas higienistas e desportiva. In:GRANDO, J.C. (Org.) **A desconstrução do corpo**. Blumenau: EDIFURB, 2001
- DEL PRIORE, M. **Corpo a Corpo com a Mulher**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993
- FRAGA, A. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular. In: SOARES, C. (Org.) **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. **Corpo, Identidade e Bom-mocismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T.T. **O Sujeito da Educação – estudos foucaultianos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LIPOVETSKY, G. **O Crepúsculo do Dever**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- RÚBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001
- _____. O Trabalho do Atleta e a Produção do Espetáculo Esportivo. **Biblio3W, Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.VI, n.119, agosto 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn119-95.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2002.
- SIEBERT, R. As Relações de Saber-Poder Sobre o Corpo. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.
- SILVA, A. M. Das Práticas Corporais ou porque “Narciso” se Exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.3, nº 17, p. 244-251, maio 1996.
- VEIGA-NETO, A. As idades do Corpo. In: AZEVEDO, KRUG & SIMON (Orgs.) **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Sec. Mun. Educação, 2000.